

ESTRELAS FIXAS

Vega e os efeitos órficos

Mariana de Oliveira Campos



Lira, uma invenção de Hermes

“Nato na **aurora**, no meio do dia tocava na **lira**,
E mais à tarde roubou os bovinos de Apolo flecheiro”



“**Hermes** primeiro que todos tornou o **jabuti** um **aedo**”.

"Eis-me um sinal benfazejo já cedo, do qual não desdenho.

Salve, de forma amorável, coreuta, parceiro em banquete!

Sê tu bem-vindo ao chegar! Onde achaste esse belo ornamento –

Casco brilhante – que tomas por veste, montês jabuti?

Vou te levar para dentro. Trarás benefício pra mim.

Eu não irei desonrar-te, mas antes me vais dar proveito.

Dentro de casa é melhor; no exterior é possível ferir-se.

És, contra males diversos, um bom amuleto em defesa,

Vivo, mas morto farás a canção dentre todas mais bela."

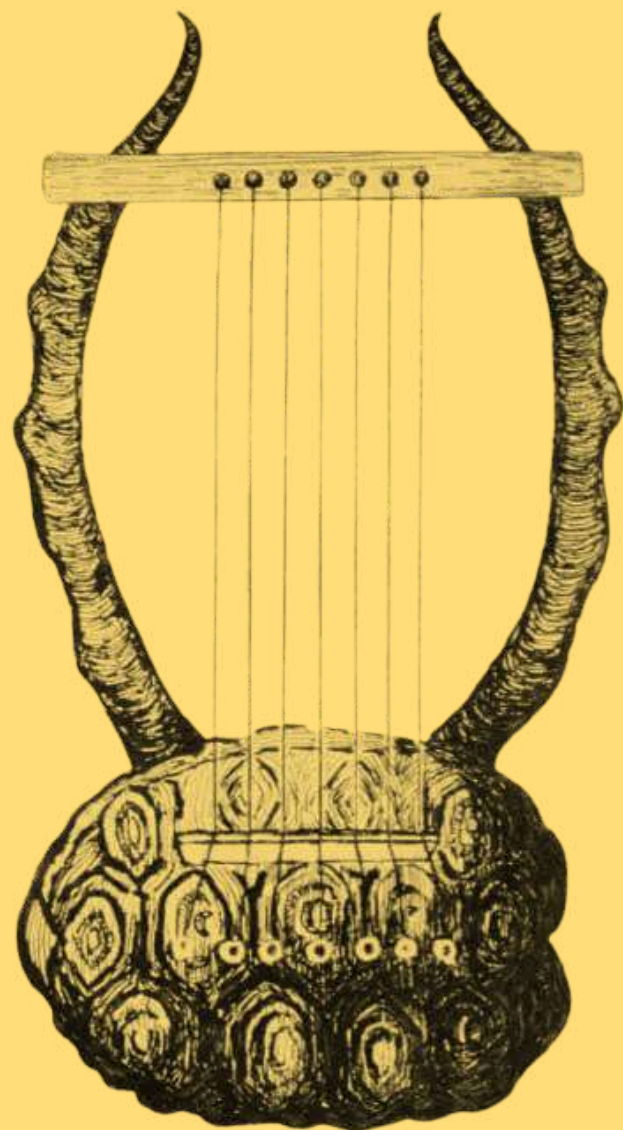


O **fabrico** da Lira é a língua

Lá esquartejou os seus membros com faca de ferro cinzento
E dos seus ossos tirou-lhe a medula ao montês jabuti.
Símil a quando um veloz pensamento desponha do peito
Do homem que está frequentado por preocupações volumosas,
Ou quando então se produz a faísca do olhar cintilante,
Verbo e ação planejava conjuntos o célebre Hermes.
Ele fixou, aparados no metro, alguns caules de junco
E os amarrou sobre o dorso e no invólucro do jabuti.
Couro de boi em seguida envolveu ao redor com mestria
Pôs inda **chifres** e um jugo acoplou sobre os dois na sequência.
Séptuplas **cordas de tripa** de ovelha por fim lhe esticou,



O duplo sentido



E eis que em seguida, levando o brinquedo adorável consigo
Com a palheta o testava segundo a medida. Nas mãos,
Soa terrível e o deus a acompanha com belo cantar,
Improvisando suas belas canções, como quando rapazes
Jovens nas festas entoam escárnios de **duplo sentido**.
Ele cantou de Zeus Crônida e Maia de belas sandálias,
(...)

Mas, ao cantar uma coisa, outra coisa anelava na mente.
E carregando-a ele então a depôs no seu berço sagrado,
A sua côncava lira.



Hermes **encanta** o irmão

Tomando sua lira na sestra,
Com a palheta a testava à medida. Debaixo da mão,
Terrivelmente o instrumento soou. Disso, riu Febo Apolo,
Todo contente. Perpassa-lhe o peito o somdo amorável
Da prodigiosa canção. O dulçor do desejo arrebatava
Seu coração ao ouvir. (...)
Mnemosine primeiro, dos deuses, honrou em canção,
Mãe para as Musas, pois mútuo era o lote do filho de Maia.
Do mais antigo, passou a cantar cada qual dos demais
Deuses eternos, honrando, o rebento esplendente de Zeus,
Tudo contando como era devido e tocando na lira.

Medida: ordem e beleza

Dizem-te ter aprendido, da fala de Zeus, quais as honras,
As **profecias**, longínquo, **e os decretos de Zeus**, todos eles.
Disso portanto eu já próprio percebo que és muito abastado.
É facultado aprenderes aquilo que tu desejares,
Mas, como teu coração quer na lira fazer dedilhado,
Canta e dedilha na lira e dedica-te ao divertimento,
Dom que te oferto, mas tu, meu amigo, **confere-me fama!**
Canta bonito, levando nas mãos esse sócio sonoro!
Belas e ordeiras palavras tu és sapiente em dizer!



Orfeu

Orfeu era filho de uma musa, sendo Kalliope a mais mencionada como sua mãe. Diz-se às vezes que seu pai é **Apolo**, mais frequentemente **Oiagros**, um deus do rio trácio. (Autoridades em Kern, test. 22-26.) Não há histórias de seu nascimento, exceto por uma referência passageira no final da Argonáutica ao casamento de sua mãe com Oiagros ocorrido em uma caverna na Trácia: "De lá, corri a toda velocidade para a nevada Trácia, para a terra dos Leibethrianos, minha própria pátria; e entrei na famosa caverna onde minha mãe me concebeu na cama de Oiagros de grande coração". Contamos muito sobre seu caráter e influência, mas pouco sobre os incidentes de sua vida. As únicas histórias deste tipo são **a morte de Eurídice e a sua viagem às sombras para buscá-la**, a tênue tradição de uma estada no Egito, **a viagem dos Argonautas** e os vários relatos dos eventos que levaram à sua morte e dos eventos milagrosos que se seguiram. (pág. 27)

Orpheus and Greek religion, de W.K.C. Guthrie, p. 27.

Orfeu e Eurídice

Em Virgílio, temos um prelúdio, em que Eurídice, ao fugir de Aristeu, recebe a mordedura mortal de uma serpente; choram-na as Dríades e as montanhas, e Orfeu tenta consolar-se com o canto e a lira. A parte central é a catábase de Orfeu, com os motivos do avançar das sombras, a cessação dos terrores e das penas infernais (abrandamento das Euménides, de Cérbero, paragem da roda de Ixião), ante a beleza da música, e a ascensão até à luz; depois, o momento em que o cantor olha para a amada, que lhe fala ainda, lamentando-se e estendendo as mãos, para logo ter de partir na barca estígia. O epílogo é o canto doloroso de Orfeu, que durante sete meses atrai até os tigres e os carvalhos, a sua não-aceitação de outra mulher, pelo que sofre a vingança das Cíconcs, que, nas bacanais, o dilaceram, enquanto a cabeça do poeta, rolando no Hebro, clama ainda por Eurídice.

O mito de Orfeu e Eurídice. Maria Helena da Rocha Pereira, p. 130

Canto IV, Geórgicas de Virgílio 471-484

As insubstanciais sombras, movidas pelo seu canto, vinham do fundo do Érebo, assim como os fantasmas **carentes de luz**, tantos quantos as milhares de aves que se aninham na ramagem quando o Vésper ou a chuva de Inverno as traz dos montes, mães e homens e corpos de magnânimos heróis desprovidos de vida, rapazes e raparigas por casar e jovens colocados em piras diante do rosto dos pais, em redor dos quais o negro lodo e o disforme canavial do Cocito e o odioso pântano de águas estagnadas os retêm, e o Estige, que corre nove vezes à sua volta. Mais, até as mansões ficaram estupefactas, e o mais recôndito do Tártaro, sede da Morte, e as Euménides, de azuladas cobras entrançadas nos cabelos. E Cérbero, boquiaberto, conteve as suas três bocas, e a roda de Ixíon, que rola com o vento, parou.



Rubens

Canto IV, Geórgicas de Virgílio 485-498

Agora, refazendo os passos, Orfeu livrou-se de todos os perigos, e Eurídice, uma vez recuperada, já regressava ao mundo superior seguindo atrás dele (pois Prosérpina impusera esta condição), quando uma súbita loucura tomou o amante incauto - na verdade, digna de perdão, es os Manes soubessem perdoar. Já quase de volta à luz, deteve o passo. Mas esquecendo-se, ai!, olhou para trás, para a sua Eurídice, vencido no seu propósito. Aí todo o esforço esesvaiu em vão e rasgaram-se os pactos do cruel tirano. E três vezes se ouviu um estrondo nos lagos do Averno. Ela gritou: "Que loucura me perdeu a mim, infeliz, e a ti, Orfeu? Que loucura tão grande? Eis que de novo me chama de volta os cruéis Fados, e o sono começa a ocupar o meu olhar flutuante. Agora, adeus! Levam-me, envolta por uma imensa escuridão, enquanto te estendo - ai! já não sou tua! - as minhas fracas mãos".

Vega, a alfa Lira

15° de Capricórnio



Lira, a constelação

Lira é da natureza de **Vênus** e **Mercúrio**. É dito que ela concede uma natureza harmoniosa, poética e desenvolta, o gosto pela música e aptidão nas ciências e nas artes, mas com inclinações ao roubo.

Ptolomeu, segundo Vivian Robson, em The Fixed Stars & constellations in astrology, p. 51.


Domar as leis do **inferno**

Depois, levados os tampos pelo céu, divisa-se entre as estrelas a Lira, com a qual Orfeu arrebatara outrora tudo que havia tocado com seu canto: através até dos manes ele abriu passagem e, com sua poesia, domou as leis dos infernos. Daí a honra que ela tem no céu e o poder semelhante ao que tinha no início: arrastando, antes, selvas e pedras, hoje os astros ela guia, levando para repetidas voltas o imenso orbe do mundo.

Astronômicas, de Manílio. Livro 1, v. 410-420.



Fris, Pieter



Nick Cave

“Com a minha voz,
estou te chamando”

Jesus alone

Alexandre O'Niell

**“A poesia é vida? Pois claro!
Embora custe caro, muito caro,
e a morte se meta de permeio”.**



Os *encantos* de Orfeu



Agora, ao surgir a Lira, emerge das ondas a forma da tartaruga que, pelos dedos de seu herdeiro, soou apenas depois de morta; com essa lira outrora Orfeu, filho de Éagro, **deu repouso às ondas, e sensibilidade aos rochedos, e ouvidos às florestas, e lágrimas a Dite, e um termo, finalmente, à morte.**

Astronômicas, de Manílio. Livro 5, v. 380-390.

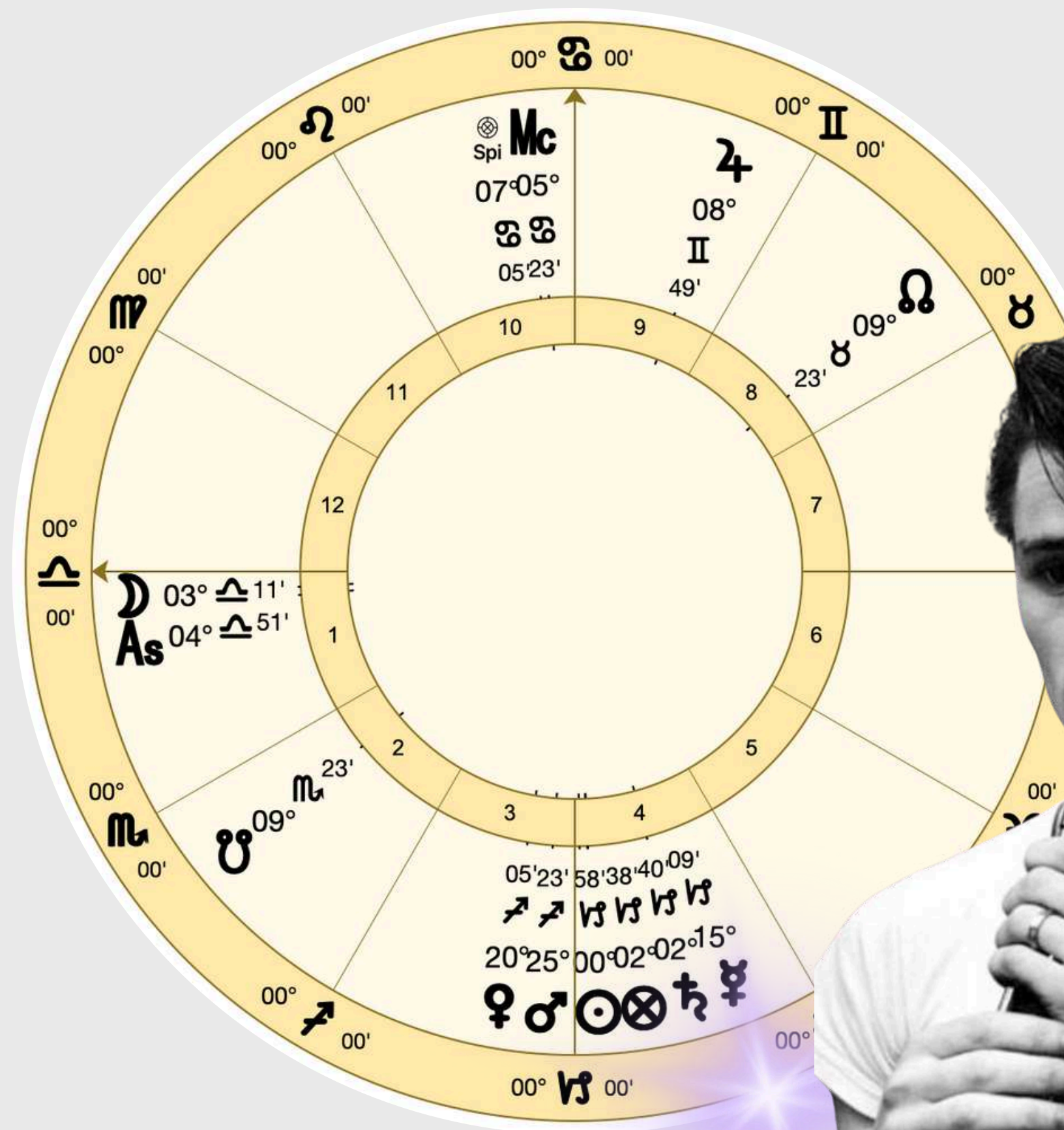
Tudo aquilo que produz som

Dessa constelação é que nascem os dotes da voz e da melodiosa corda, e as flautas de variados formatos, gárrulas em suas modulações, e tudo aquilo que produz som com o auxílio da mão e que se toca com o sopro.

Astronômicas, de Manílio. Livro 5, v. 380-390.

Chet Baker

Com 10 anos começou a estudar teoria musical, influenciado pelo seu pai, guitarrista, de quem herdou a paixão pela música e de quem ganhou um trombone. Amante do jazz, não tardou em conquistar o sucesso, sendo apontado como um dos melhores trompetistas do gênero logo com o seu primeiro álbum.



Secretas canções

O nascido sob a Lira concederá agradáveis cantos nos banquetes, com sua voz suavizará Baco e deterá o curso da noite. Além disso, mesmo em meio a preocupações, experimentará secretas canções, modulando sua voz com furtivo murmúrio, e, sozinho, sempre cantará para seus próprios ouvidos, assim prescrevendo a Lira, que conduzirá seus cornos às estrelas no momento em que surgir o vigésimo sexto grau da Balança.

Astronômicas, de Manílio. Livro 5, v. 390-397

Conjunções à Vega



Lorde, cantora
Ascendente e Júpiter

**James Hetfield, vocalista e
guitarrista do Metallica**
Ascendente

“Nothing else matters” foi escrita por ele e não imaginava que poderia ser uma canção da banda, porque ele fez para uma ex-namorada, provavelmente uma separação. Foi gravada no estúdio no dia 30 de Maio de 1991, Lua em Capricórnio.



Conjunções à Vega

Maurice White um
músico, compositor,
arranjador e fundador da
banda Earth, Wind & Fire.
Lua e Ascendente.



Paolo Conte, cantor, compositor
e multi-instrumentista italiano.
Lua em Capricórnio.



Acácia Brazil

Harpista e professora de harpa. Acácia nasceu em Niterói no dia 24 de Maio de 1921, sob a Lua em Capricórnio. Se tornou a primeira harpista da Orquestra Sinfônica Brasileira e da então chamada Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC.



Acácia Brazil

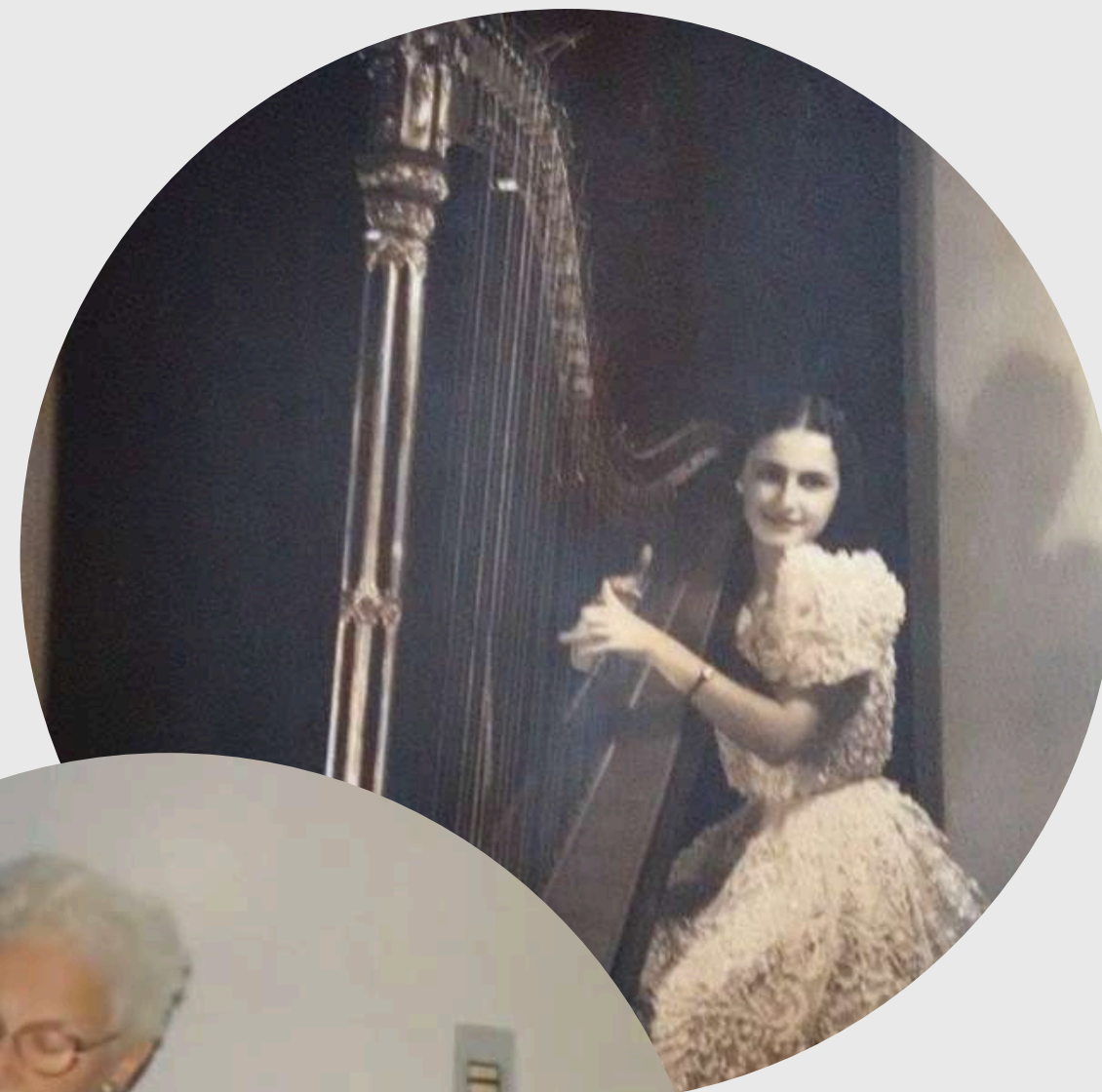
Sua primeira apresentação oficial foi aos 10 anos de idade, no dia 23 de Agosto de 1931. *Adivinhem em que signo estava a Lua nesse dia?*

Sua descrição na reportagem da Revista Fon Fon foi a seguinte:
“Menina... linda castellãzinha de mãos leves como azas”



“Se uma só pessoa for tocada por
essa beleza, alcancei meu objetivo.”

Acácia
Brazil



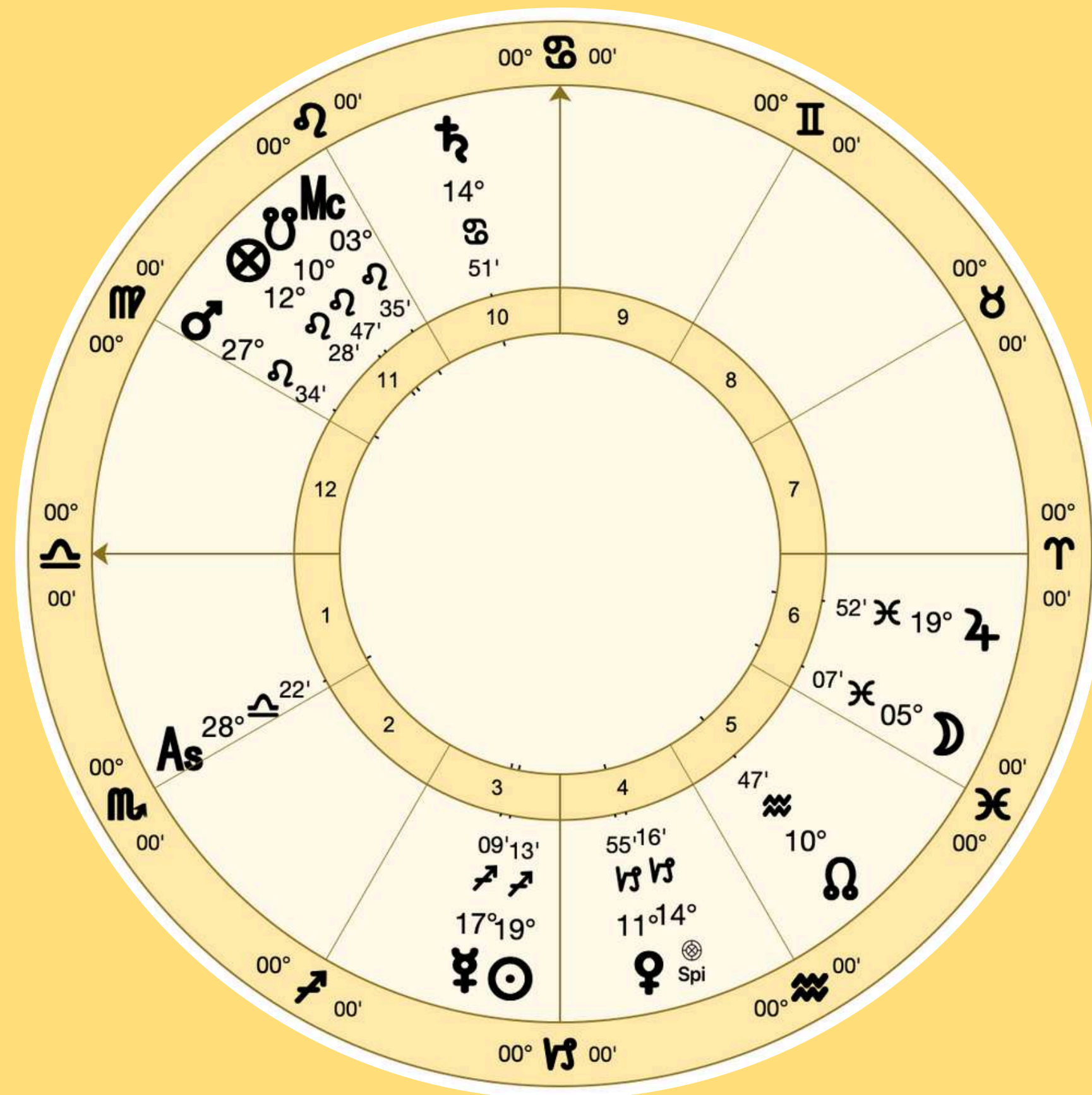
Conjunções à Vega

Vênus, regente do Ascendente.

Parte do Espírito, disposta por Saturno.

Mercúrio em Sagitário, por antíscia.

Saturno em Câncer, oposto à Vega.





FRANK SINATRA





A Lira no coração do Brasil

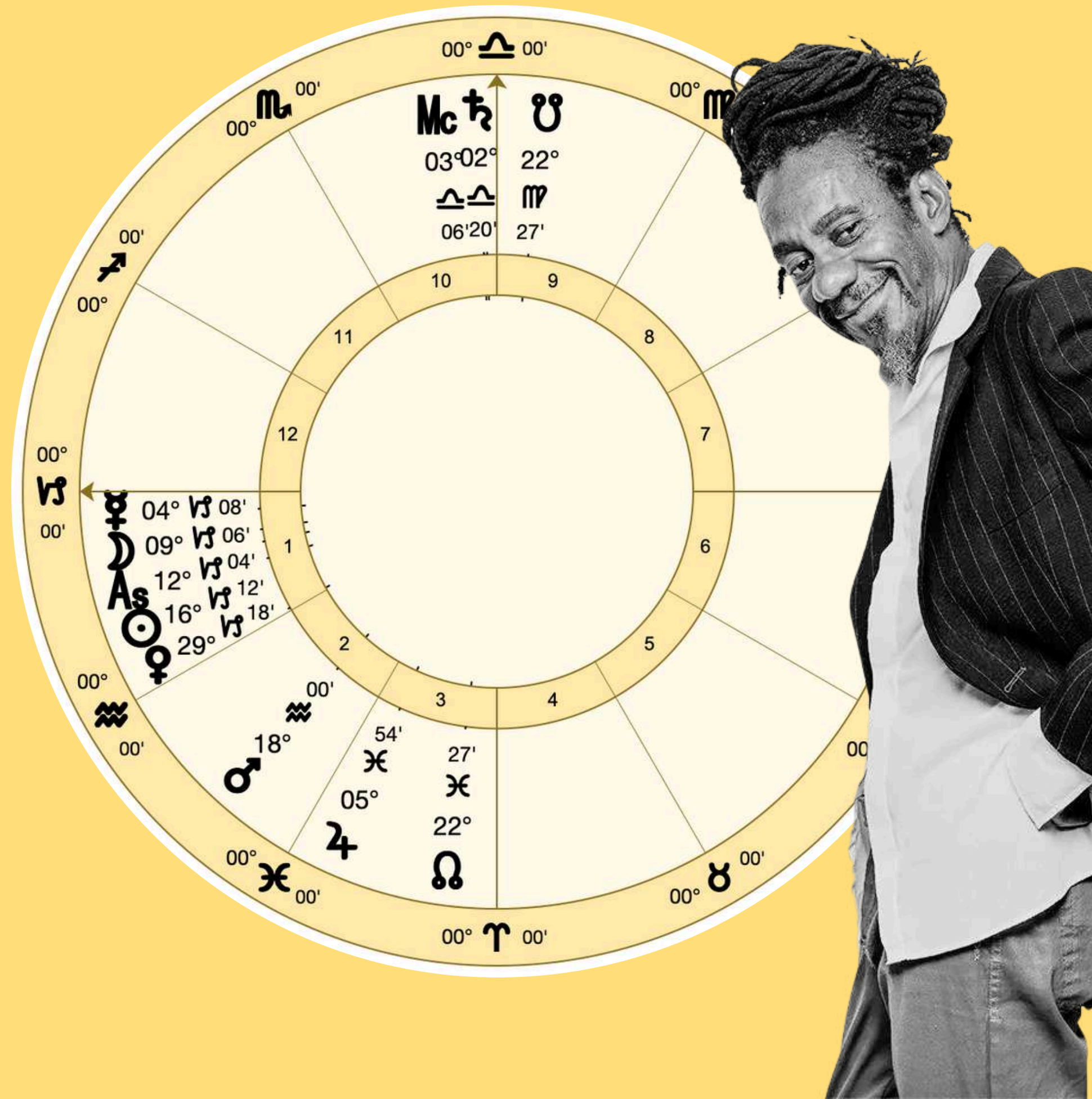
Luiz Melodia

Sem horário de nascimento.

Sol em conjunção à Vega.

Lua em Capricórnio, transitando sobre Vega.

Certamente, antes, ou logo depois do nascimento, uma Lua-Nova sobre a estrela Vega.





Melodia & luz

Luiz Carlos dos Santos, Luiz Melodia, nasceu no morro do Estácio, bairro da cidade do Rio de Janeiro, no dia 7 de janeiro de 1951. Único filho homem de **Oswaldo e Eurídice**, descobriu a música ao ver o pai tocando em casa: “Fui pegando a viola dele, tirando uns acordes, observando. Ele não deixava eu pegar a viola de 4 cordas que era uma relíquia, muito bonita, onde eu aprendi a tocar umas coisas.”

Oswaldo Melodia para sua Eurídice

Ô Maura

Vem matar minha **saudade**

Não tenho **felicidade**

Desde o dia em que me **abandonou**

O meu prazer

É viver **embriagado**

Só assim esse **coitado**

Não recorda o que **passou**

Tu não te lembras

Da nossa felicidade

Ao princípio da amizade

Nosso amor era uma flor

Hoje só resta

Para minha grande mágoa

Os meus olhos rasos d'água

Nunca mais se enxugou



Canto IV, Geórgicas de Virgílio

507-510

Dizem que chorou durante sete meses inteiros, um a seguir o aoutro,
junto de uma rocha escarpada, à beira da água do ermo Estrímon.
E pôs-se a contar a todos esta história pelos gélidos vales,
amansando os tigres e conduzindo os carvalhos com o seu canto.

Lira, de pai para filho.

Oswaldo dos Santos, seu pai, era tocador de viola, compositor, **e quem recebeu o apelido de Melodia**, que seria herdado e eternizado pelo filho Luiz.



Dores de amores

Eu fico com essa dor
Ou essa dor tem que morrer
A dor que nos ensina
E a vontade de não ter
Sofrer de mais que fruto
Nós precisamos aprender
Eu grito e me solto
Eu preciso aprender

Curo esse rasgo ou ignoro
qualquer ser
Sigo enganado ou enganando
meu viver
Pois quando estou amando é
parecido com sofrer
Eu morro de amores
Eu preciso aprender



Magrelinha



O por do sol vai renovar brilhar de novo o seu sorriso
E libertar da areia preta e do arco-íris cor de sangue,
cor de sangue, cor de sangue ...

O beijo meu vem com melado decorado cor de rosa
O sonho seu vem dos lugares mais distantes terras
dos gigantes Super Homem, super mosca, Super
Carioca, super eu, super eu...

Deixa tudo em forma é melhor não sei
Não tem mais perigo digo já não sei
Ela está comigo o som e o sol não sei
O sol não adivinha baby é magrelinha
O sol não adivinha baby é magrelinha
No coração do Brasil
No coração do Brasil